



Autopub
Editora



SONETOS

relicário da fantasia

DANIEL MARIN



Catálogo na Publicação (CIP)

M274s MARIN, Daniel

Sonetos, relicário da fantasia / Daniel Marin. - Belém: Autopub Editora, 2026. 78 p.

1. Cultura. 2. Humanidade. 3. Literatura. 4. Soneto.

1. Sonetos, relicário da fantasia.

ISBN: 978-65-83093-31-8

DOI: 10.46898/autopub.adf5cb82edab

CDD: 800

Ficha Técnica

Conselho Editorial

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ednilson Souza UFOPA

Membros do Conselho

Profa. Msc. Andria Raiane Coelho Campos SEMEC-STM

Prof. Msc. Éfrem Colombo Vasconcelos Ribeiro IFPA

Prof. Msc. Jorge Carlos Silva ULBRA

Profa. Msc. Vaneza Nascimento de Oliveira Mélo FICS

Profa. Dra. Irlana Jane Menas da Silva UEFS

Profa. Msc. Daniela Emilena Santiago Dias de Oliveira UNIP

Profa. Dra. Rejane Harder UFS

Prof. Msc. André de Araújo Moraes UNESP

Créditos

© 2026 Edição brasileira

by Autopub Editora

© 2026 Texto

by Autor

Todos os direitos reservados

Autopub Editora

CNPJ 54.303.895/0001-62

Telefone: (91) 98420-6856

contato@autopubeditora.com

Ed. Rogério Fernandez Business Center - Tv. Quintino Bocaiúva, 2301 - Batista Campos,
Belém - PA, 66045-315

www.autopubeditora.app.br

Editor-Chefe: Prof. Dr. Ednilson Ramalho

Projeto editorial: autopubeditora.com

Revisão: Autor

Bibliotecária: Janaina Karina Alves Trigo Ramos (CRB-8/009166)

Produtor editorial: Rosy Borges

Título: Sonetos, relicário da fantasia

“O ritmo não é só é o elemento mais antigo e permanente da linguagem, como ainda não é difícil que seja anterior à própria fala. Em certo sentido pode-se dizer que a linguagem nasce do ritmo ou, pelo menos, que todo ritmo implica ou prefigura uma linguagem.”

(Octavio Paz)

“... para Noemi, minha mãe.”

Autor

Daniel Marin reside em Paulo Bento – RS possui graduação em Análise de Sistemas, Licenciatura em História, Filosofia e Física; Especialização/Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento da Tecnologia da Informação, História da Ciência, Gestão Pública e Inteligência Artificial. Mestre em Engenharia da Informática tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Gestão/Administração da Tecnologia da Informação, bem como na lógica aplicada a sistemas computacionais e nas temáticas pertinentes à História da Ciência. Nas horas vagas compõe ensaios de temas multidisciplinares e instigantes e poesias variadas. É autor dos livros: Visualização de Dados: inteligência artificial e conhecimento, Ação & Reflexão: mensagens e pensamentos, Ensaios: um olhar na linha do horizonte, Tecnologia da Informação: abordagem diferencial, Ensaios: uma perspectiva racional, e Elementos da Lógica e a Ciência da Computação, vol. I e II.

Sinopse

A arte molda o mundo!

E ao moldar o mundo à arte molda o ser humano, é um processo cíclico, pode-se dizer.

O ser humano que como parte do mundo, age sobre ele e dá sua feição. Ele “cria” a arte para seu deleite e prazer, além da necessidade de se “comunicar” com o cosmo e com ele mesmo, sob uma égide individualista também.

A poesia é a arte suprema, a primeira arte no âmbito do fértil pensamento humano. As demais são decorrentes dela. A poesia em forma de prosa foi à fagulha genitora do desenrolar da literatura mitológica que moldou o próprio processo civilizacional da sociedade humana, e conseqüentemente formou o ideário da arte escultórica e da música por exemplo. Até porque a arte é a verdade que pertence ao universo da fantasia.

O Soneto foi criado, pelo poeta italiano Giacomo da Lentini (1210-1260), e foi popularizado pelo poeta e humanista igualmente italiano Francesco Petrarca (1304 – 1374) às portas da renascença, onde ensejava torná-lo a “forma perfeita” de se fazer poesia.

Nesta obra se apresenta um verdadeiro íterim de Sonetos que falam da vida, do amor, da solidão, de sentimentalidades, do cosmo e do existencialismo humano.

Boa leitura e reflexão!

Daniel Marin, o autor.

Índice

<i>Prólogo</i>	8
<i>A miséria do pensamento</i>	9
<i>Pedra no caminho</i>	10
<i>Só</i>	11
<i>Os amantes</i>	12
<i>Kosmo: ordem & desordem</i>	13
<i>Chegada do outono</i>	14
<i>O Cosmo e o homem</i>	15
<i>Soneto surreal</i>	16
<i>Soneto da poesia</i>	17
<i>Sua expressão corporal</i>	18
<i>Olhos tristes</i>	19
<i>Lá na grotta</i>	20
<i>Soneto da despedida</i>	21
<i>O espelho factual</i>	22
<i>Inspiração em você</i>	23
<i>Aquela estrada</i>	24
<i>Difícil despedida</i>	25
<i>A solidão</i>	26
<i>Na primeira curva</i>	27
<i>A sua presença</i>	28

<i>Pérola Negra</i>	29
<i>Um novo dia</i>	30
<i>Sentimentos opostos</i>	31
<i>Estágios da vida</i>	32
<i>Recordações & Emoções</i>	33
<i>Obstáculos da vida</i>	34
<i>Paixão corrosiva</i>	35
<i>O silêncio e a solidão</i>	36
<i>Aromas da manhã</i>	37
<i>Soneto para Don Munhoz</i>	38
<i>O vento manso</i>	39
<i>Soneto para o Arquiteto do Universo</i>	40
<i>A poesia é uma janela aberta, parte I</i>	41
<i>A poesia é uma janela aberta, parte II</i>	42
<i>As noites</i>	43
<i>Vida! /das e Vindas</i>	44
<i>Outono & Folhas</i>	45
<i>Pensando na Vida</i>	46
<i>Manhã no prado do Rio Grande</i>	47
<i>O Rio</i>	48
<i>Pampa na lembrança</i>	49
<i>Fantasmas</i>	50
<i>Descobrir o saber</i>	51
<i>O logicismo</i>	52
<i>Da Manhã</i>	53

<i>Tempos Sombrios</i>	54
<i>Esquece-me e some</i>	55
<i>Medo da chuva</i>	56
<i>Vida e Alegria</i>	57
<i>Verdade no seu olhar</i>	58
<i>Excesso de racionalismo</i>	59
<i>Inspiração da Noite</i>	60
<i>A janela</i>	61
<i>Crianças</i>	62
<i>Prenúncios do Vento</i>	63
<i>O Caminho</i>	64
<i>A Chuva</i>	65
<i>Solidão do Andante</i>	66
<i>Afago</i>	67
<i>Partir...</i>	68
<i>Mudança</i>	69
<i>Psicodélico</i>	70
<i>Arte e a Luz do Cristal</i>	71
<i>Selva de Pedras</i>	72
<i>Pintura interior</i>	73
<i>Inutilidade que Atormenta o Homem</i>	74
<i>Cerne da Vida!</i>	75
<i>O alpendre e o natural</i>	76
<i>Sentimentos confusos</i>	77
<i>Sensação</i>	78

Prólogo

A poesia é a expressão pura da alma humana. Um traço significativo do processo civilizacional que reverbera na sociedade, deixando marcas profundas no ser e na comunidade que está imbuída. É, portanto um processo de sedimentação da identidade cultural de um povo ou comunidade.

É pertínaz destacar com clareza que o ritmo é à base da comunicação, do fraseado e da prosa poética. A linguagem é tributária do ritmo e assim vice-versa, apenas para parafrasear o que foi dito por Octavio Paz. Então linguagem e ritmo têm uma autodependência mútua e se completam nas suas gêneses.

O Soneto, ritmado no seu fraseado, traduz com singeleza e refinamento uma ordem na licença poética.

É isso que veremos adiante!

Daniel Marín.

Autor.

A miséria do pensamento

Vivemos na miséria,
De ídas e vindas,
E infelizes ímpérios,
Sob a cortina sigilosa do mistério.

A miséria delineada,
Negativamente advém,
Da carência de vinténs,
E faz morada enredada.

Já no espesso véu,
Onde jaz a razão,
Não tem mais o sabor do mel.

A miséria impera, é sertão,
Nebulosa e desconfiada,
Apaga a racionalidade retraída.

Pedra no caminho

Cada pedra encontrada no caminho,
É como se fosse um vil espinho,
Caleja a alma de forma fustigante,
Aumentando o flagelo a cada instante.

A dor sentida no peito pela partida,
Não pode ser mensurada ou definida,
Ela é apenas sentida sem o menor dó,
E faz parte da jornada percorrida só.

O sofrimento pode até purificar,
Dar certa tonalidade e clarificar,
O espírito combalido e sem chão.

A mão amiga, a compreensão,
Faz parte do caminho da imensidão,
Onde a alma encontra seu ficar.

Só

Perdi-me e m'alma ficou só,
Nada restou no coração abatido,
A lástima da perda desvelada,
Atingiu o sentimento combalido.

A essência verdadeira do ser,
Alberga tudo o que somos,
Desde a fragilidade recôndita,
Ao supremo e aparente poder.

O sofrimento vil e desmedido,
Ampliava-se a cada momento,
Sem ao menos ser combatido.

A procura de me encontrar,
Percorri mil mundos perdidos,
No intuito puro de sentir o pulsar.

Os amantes

Uma sombra um olhar,
No beíjo doce e ardente,
A paz serena e contundente,
A sensação única de amar.

Nas flores coloridas e odoríferas,
O saboroso aroma marcante,
Simbolismo do amor dos amantes,
Palatável como substância melífera.

O silêncio, guardião dos segredos,
Zela sob forma segura e confiante,
Imune e incólume ao menor gracejo.

O pacto firmado na sombra do desejo,
É Irrevelável, permanece oculto,
Já bem sabem! Não haverá indulto.

Kosmo: ordem & desordem

Sob o céu iluminado,
Paíra o infinito estrelado,
Milhões de astros a brilhar,
São pontos cintilantes a encantar.

A névoa das nebulosas,
Traz mistério as mentes curiosas,
Sua composição gaseificadora,
Reluz a luz do olhar aterradora.

Que segredos galácticos subjazem,
Realidades físicas frias contundentes,
Ou algo incognoscível e surpreendente?

O impávido Cosmo prenuncia ordem,
Mas nas agruras das infiéis realidades,
Impera a mais reboliça desordem.

Chegada do outono

Na despedida do verão ardil,
As folhas começam a secar,
Sob o sol leve e já senil,
O outono bate a porta para entrar.

Aquele frio distante agora é real,
Mensageiro da nova estação vândoura,
Advindo do horizonte anil surreal,
Age à surdina de forma arrebatadora.

O outono trás lembranças,
Que sob a forma nostálgica fluem,
E deixam a inspiração por onde passas.

A vida rica e vigorosa aflora dia a dia,
Independente do tempo ou da magia,
Ela sempre segue a sua melodia.

O Cosmo e o homem

Sobre as nossas cabeças o infinito,
A profundidade azul do cosmo bonito,
Intrigante e desafiador por natureza,
Guardião de segredos e recôndita beleza.

A brisa livre e leve a soprar calmamente,
Abre caminho para a poderosa torrente,
Que arreбата os espíritos mais bravios,
E flui tenazmente como nas correntezas dos rios.

No cheiro inconfundível da terra molhada,
Pisada, castigada no vil leito da estrada,
Residem nossas lembranças embaraçadas.

E o tempo, agente implacável da nossa história,
Conserva o rastro de sua passagem na memória,
E leva como troféu a ingrata e fatalística vitória.

Soneto surreal

Ventos anunciando o tormento,
Águas que surgem ao rebento,
Olhares entrelaçados e atentos,
Miram os campos ao relento.

As evoluções se fazem sentir,
Como um rio caudaloso a fluir,
Simples suspiros irá extorquir,
Da face trigueira que volta a sorrir,

E o sol astro rei que habita os céus,
Lá do alto da sua imponente suprema,
Trás luz as mentes com seus raios de mel.

E os seus olhos tristes rasos d'água,
Retratam a dor e a profunda mágoa,
Que no peito faz a sua tenra morada serena.

Soneto da poesia

E nos ventos de outono deixo as palavras,
Voando em ondas nas deleitosas evoluções,
Tomam forma nas férteis composições,
E digladiam umas com as outras nas rimas.

Sob a luz prata da lua majestosa e bela,
Perco-me em pensamentos inventivos,
E abandono toda e qualquer querela,
Em favor de versos totalmente cativos.

Ideias que vivem recônditas em mim,
Desembocam em um mar sem fim,
E espalham-se como flores no jardim.

Abnegando a razão e a lógica vigente,
Dou asas à imaginação da mente,
E deixo a poesia fluir, livre e latente.

Sua expressão corporal

A expressão corporal retrata,
A imagem refletida da alma,
O toque sensual que acalma,
No fecundo imaginário habita.

Beleza, leveza e simplicidade,
Formam a tríade inspiradora,
Razão primeira e duradoura,
Pela qual escrevo com sinceridade.

No trono supremo da fantasia,
Uma linda estrela reluzente guia,
Para o abrigo seguro que anuncia.

O poder gestual que brota fortuito,
Deixa marcas no horizonte bonito,
E a sua beleza como prêmio distinto.

Olhos tristes

Com os olhos tristes fitava o horizonte,
Todo aquele sentimento impaciente,
Aturdia a vil alma completamente,
Que silenciosa jazia atrás do monte.

Morto por dentro sem nada a oferecer,
Não restava um ínfimo pedaço feliz,
Apenas ficaram profundas marcas a cicatríz,
De um espírito combalido prestes a adoecer.

A agonia aprazia todo aquele momento,
Nem se quer havia possibilidade de sentir,
O verdadeiro pulsar da vida a emergir.

Apenas o vento, com fiel desalento,
Permanecia constante roçando a colina,
Trazendo novas emoções a cada matina.

Lá na grotta

Aquela luz no braseiro,
Chamas tímidas a brilhar,
O galo cantando no terreiro,
Chegou a hora de madrugada.

Sol que nasce lá no grotão,
Raí0s vívíd0s revelam a relva,
Perdendo-se na densa selva,
Opaca e sínístra por definição.

Um riacho doce e límpido,
Com curvas sínuosas a seguir,
Retrata a fina beleza do devír.

O espetáculo orquestral no céu,
Pássaros a cantarolar como cupído,
Melodías suaves com gosto de mel.

Soneto da despedida

Você sumiu na primeira curva da estrada,
Sorvida completamente pela poeira espessa,
Que predominava na paisagem degradada,
Mostrando-se antes mesmo que amanheça.

Meus olhos fitados para o horizonte,
Estavam por completo esbugalhados,
Incrédulos, miravam ao fundo o monte,
Onde restaram somente os retalhos.

Seus rastros ficaram para trás,
Como marcas indeléveis deixadas,
Apagando-se aos pouco de forma voraz.

Apenas restou perdido no ar o seu cheiro,
Aquele odor marcante e inconfundível, assaz,
Permaneceu firme no pensamento por inteiro.

O espelho factual

No revoar dos pássaros pelo céu límpido,
Em cada pedra depositada no leito do rio,
Reside a pureza, a simplicidade e o encanto,
Do retrato fidedigno do completo alvedrío.

Sem amarras que possam açoitar o espírito,
Ou mesmo regras frias e sórdidas a arbitrar,
As nossas vidas, e como num sonho bonito,
Viver a intensidade absoluta do pleno amar.

Sonhos acompanhados de ilusões ínsanas,
Vão da bondade, as malévolas mundanas,
E permeiam nossos pensamentos todos.

A realidade pura e nua ante nossos olhos,
Contrapõe-nos ante o espelho do factual,
Revelando a veleidade do desejo natural.

Inspiração em você

Busquei em você a inspiração de viver,
Nos seus abraços o conforto sedutor,
Em que minha alma segura navegou,
Pelos mares longevos do puro amor.

Nos teus olhos a razão do meu sentir.
É uma centelha ardente queimando,
Faz-me recordar a emoção do devir,
A cada instante da sua presença.

A doce sensação de estar contigo,
Alimenta pouco a pouco o sentido,
Seus afagos são mais que o ombro amigo.

É a revigorante brisa matinal anuncia,
Traz consigo os sabores do novo dia,
Ao som brando da alentadora melodia.

Aquela estrada

Aquela poeira espessa da estrada de chão,
Embaçava totalmente a minha visão,
As pedras de cascalho calejavam os pés,
Dificultando o trajeto, prenunciando o revés.

Os arbustos sobriamente ladeavam,
A estrada sinuosa e abarcavam,
Toda a extensão da largura,
Cambaleando numa só brandura,

E o vento frio que congelava,
Retorcia tremendamente a clava,
Feita com madeira de pureza nobre.

A cada paisagem se descobre,
Novos retratos, novas imagens,
O tempo andando sem derrapagens.

Difícil despedida

É sempre difícil o dia da despedida,
Independente da situação vívida,
Aquele nó indigesto que fica no peito,
Difícil de digerir e parece que não tem jeito.

Um olhar com o gosto de ser o fim,
Fica gravado na retina até o triste confim,
Observando vagamente o leve aceno,
No horizonte lá no fundo bem pequeno.

Desconhecem-se muitas vezes os motivos,
Sem precedentes que o justifiquem,
Nem ações imprudentes que qualifiquem.

Mas é chegada à hora da despedida,
Nada simplesmente nada impede o votivo,
O momento é chegado e nada o sucede.

A solidão

A solidão tortura pouco a pouco,
Aquele vazio angustiante e frio,
Deixa meu coração feito louco,
A procura de algum mínimo brío.

Tardes infindáveis de domingo,
Teimam ferozmente em não passar,
Como um píffio e infeliz jingle,
Roda na minha cabeça sem cessar.

Correndo de um canto a outro,
Fico preso em meus pensamentos,
Que se sucedem nos momentos.

E já no final do ingrato dia,
Sorvido pela solidão vazia,
Adormeço, tranquilo e sereno.

Na primeira curva

Na primeira curva some da vista,
Nem o ínfimo rastro é notado,
No pó ardil e pegajoso do estrado,
Onde passou sutil, na conquista.

O seu cheiro impregna o ar envolta,
Odores de saudade e paixão exalados,
Avistam novos horizontes moldados,
Dominando o inócuo ambiente de revolta.

O vento infeliz, sem trégua alguma,
Dissipa pouco a pouco toda a bruma,
E faz-me navegar seguro na escuna.

Vencendo a abrupta curva a frente,
Desvendando pouco a pouco a gente,
E saciando-me neste manancial emergente.

A sua presença

Assim como a exultação dos pássaros felizes,
Em cada alvorecer radiante e matinal,
Onde a aurora projeta-se na esfera astral,
Seu sorriso aflora, sarando as cicatrizes.

O deslumbre da sua presença imponente,
Atinge um espectro que transcende a lógica,
E em cada evolução sua, simples e metódica,
Deixa marcas de alegria em cada mente.

Desfrutar do aconchego do seu abraço,
Acalenta a alma elevando a autoestima,
E melodicamente me refaz cada pedaço.

A ambígua sensação de paz e conforto,
Despertada pelo prenúncio de você,
Torna-te um porto seguro sem fracasso.

Pérola Negra

Aqueles seus olhos negros, assemelhavam-se a uma pérola,
Fosforescente e de cor negra, como a noite bravia e escura,
Transmitiam uma mensagem de amores impossíveis e ternura,
Enfeitiçando o admirador e deixando a sua magia como
esmola.

Sua pela morena como a terra, macia e regada pelo orvalho,
Era um verdadeiro devaneio, uma vertigem completa e sagaz,
Que tomava conta dos pensamentos, controlando-o mordaz,
E proporcionava sensações inigualáveis de amor e embaralho.

As suas curvas delineadas habilmente pela mãe natureza,
Provocavam emoções e admiração em cada espaço de tempo,
Em que se percebia a sua presença afável e de digna beleza.

O seu sorriso lindo e arrebatador como uma nascente aurora,
Penetra profundamente nos corações carentes e apaixonados,
E deixa uma nostálgica lembrança dos bons momentos de
outrora.

Um novo dia

A constância do sol em cada manhã,
Entrecortada por períodos nebulosos,
Crava nos corações a esperança no advir,
No vindouro que se aproxima prazeroso.

O sol com a sua imensa amplitude,
É generoso nos seus raios luminosos,
Leva a luz benéfica e essencial a terra,
E livra os seres vivos de eventos perniciosos.

A vida recomeça, a cada dia intrépida,
Resistindo bravamente aos rigores,
Impostos pela natureza e seus temores.

As mudanças no ambiente são instáveis,
Não se podem prever com total garantia,
Modificam-se constantemente dia após dia.

Sentimentos opostos

Os descaminhos nos levam a loucura,
Provamos pouco a pouco desta doçura,
E inebriados pela sua liberdade latente,
Fugimos da sobriedade da mente.

Quão vasto é nosso imaginário,
Amplamente misterioso é o motor originário,
Das histórias fantásticas materializadas,
Em nossas pobres e humildes vidas.

A fertilidade de uma reflexão profunda,
Instiga a composição sublime e fecunda,
Ignorando a nossa arrogância imunda.

O confortante alívio da sensatez,
Causa-nos sintomas de estranheza,
Então voltamos à realidade da incerteza.

Estágios da vida

Ao nascer somos marcados para morrer,
Comemorações efusivas são realizadas,
Sem ao menos lembrar o futuro a corroer,
Nossas vidas, finitas e entrecruzadas,

Na infância esbanja-se alegria e sorriso,
Tudo é festa e nada nos aflige,
O mundo é um objeto precioso,
E misterioso como uma Esfinge,

Já na fase adulta pensamentos,
Acometem-nos, a todo o instante,
Sobre o passado e o vindouro.

Na velhice resta a nostalgia,
Esvaece-se lentamente a energia,
Mas tem-se um trunfo; a sabedoria.

Recordações & Emoções

O ranger da porta traz recordações passadas,
A sua velha madeira ruído pelas beíradas,
Prenuncia o tempo que foi e não retorna,
E jaz nas páginas distantes que adorna.

Pensamentos vagos e perdidos no espaço,
Esfacelados se encontram em pedaço,
Sem rumo e direção a seguir na estrada,
Elusivos, permanecem na sua vã caminhada.

Palavras soltas e totalmente desencontradas,
Tornam uma simples reflexão mais exacerbada,
Em uma mistura de sensações atordoadas.

Emoções que florescem no mundo da fantasia,
Retratam a igualmente degradadora agonia,
Assim como a sublime nota de uma melodia.

Obstáculos da vida

Nada ficou no lugar,
Apenas a prata luz, do luar,
No firmamento livre, flutuar,
Errante na sua rota a vagar.

No silêncio da noite, voar,
Deixar a escuridão sem trepídar,
Para ver o lindo sol raíar,
E tímidamente o dia anunciar.

Manhãs saborosas a se deliciar,
No dorso da brisa leve delinear,
E a vida, segue a continuar.

Dias ensolarados a me guiar,
Pelos caminhos da vida escalar,
O íngreme cume e por fim superar.

Paixão corrosiva

A paixão coroe o coração,
Triplíca a pulsação,
Agíndo no imaginário,
E tornando-se temerário.

No limbo do pensamento,
Tudo é festa, tudo é regozijo,
Ignora-se o tormento,
E o dia a dia de contorno rijo.

A emoção compartilhada,
Transborda a individualidade,
E dá novo ânimo na jornada.

A dor da perda e do abandono,
Deixa marcas e cicatrizes na sensibilidade,
São sinais de um angustíante adorno.

O silêncio e a solidão

O silêncio da solidão é um alvedrío,
No espaço e no tempo se propaga,
Em cada verso deste soneto, rasga,
O sentimento calejado e vazio.

A liberdade de nossas expressões,
Confunde-se de forma errônea,
Se deixa guiar pelas vãs emoções,
E ofusca a verdade idônea.

O sossego e a paz compõem,
Parte essencial de nossa vida,
Acenado na nostálgica partida.

E os pensamentos vagos e ignóbeis,
Reféns da agonia e da desolação,
Destoam do compasso desta canção.

Aromas da manhã

Toda a manhã tem o mesmo aroma,
O sol se levanta ao leste do continente,
E muda por completo o panorama,
Sente-se fluir a sua luz penetrante.

Raios de sol iluminam as hortênsias,
Clareiam totalmente os jardins,
A sua luz transpõe-se até os confins,
Revelando as belezas nas suas essências.

O cheiro do orvalho é inconfundível,
Na umidade da terra totalmente nua,
Chega a alucinar o olfato imprevisível.

Aromas das manhãs são especiais,
Ficam guardados na mente crua,
E fazem-nos recordar de momentos cruciais.

Soneto para Don Munhoz

Amigo e mui companheiro,
No puro estilo campeiro,
Floreio estes meus versos,
E sem regalias ou regressos.

Aventuro-me pelo campo infinito,
Saciando-me neste manancial bonito,
Da essência da poesia, pura e natural
Tradicionalista e de importância vital.

Os meus cumprimentos; presto-te,
Neste exato momento de agora,
Porém sem rodeios e demora,

Finalizo este dedicatório soneto,
Sem alongamentos e com alegria no peito
Tecendo-lhe sincero e distinto respeito.

O vento manso

O Vento sopra mansamente, alisando as flores do campo.
Balançando-as suavemente, em um doce e agradável
encanto.
É o mesmo vento impetuoso a levar meus pensamentos.
Para um local longevo em uma atmosfera de total desalento.

O pensamento, que voa como um pássaro desgovernado.
Torna-se refém das fantasias, e morada do pecado.
Intempestivo, é livre e absoluto,
Fortemente arraigado a essência pura de o nosso ínfimo
ser.

Viaja ágil, na velocidade da luz.
Não se importa com os efêmeros detalhes.
Que intrinsecamente o conduz.

És majestoso, altivo e perseverante,
Revela-nos uma nova realidade,
A cada tortuosa esquina do seu semblante.

Soneto para o Arquiteto do Universo

Maravilhosa, intrigante e inspiradora criação.
Revela sua magistral beleza e toca o coração.
De uma forma sincera, amorosa e profunda.
Criando com sua sabedoria a nossa mente fecunda.

A diversidade dos seres é algo que beira ao surreal.
E faz-nos crer na intervenção divina providencial.
Agindo sobre este Universo, imenso e vasto.
E, sobretudo perdoando nossos erros nefastos.

A sua mão generosa e protetora.
A nos resguardar na efêmera, mas duradora.
Vida terrena, cheia de caminhos sinuosos.

E o Universo imenso a nos desafiar.
Retrata a grandeza divina singular.
Incompreensível aos nossos olhos.

A poesia é uma janela aberta, parte I

A poesia é uma janela aberta para um mundo de fantasia,
Onde fervilham sentimentos que vão do amor a agonia.
E num simples piscar de olhos, inundam a mente vazia.
Com suas ideias, soando como uma cativante melodia.

Ela transforma o ser na sua concepção mais pura.
E no âmago da sua existência percebe que a ternura.
É uma virtude que nos torna pessoas mais maduras.
E leva-nos nas asas da liberdade, saboreando a doçura.

Que é sentir a poesia tornando-se vital.
Nas nossas pacatas e humildes vidas, sem igual.
Transcorrendo com o passar do tempo tudo ao natural.

Nosso imaginário é ricamente habitado.
Por seres que nos visitam, e vão ficando.
Dia após dia nos atormentando.

A poesia é uma janela aberta, parte II

A poesia é uma janela aberta, que nunca se fecha.
Nela passam as mais vãs e inúteis ideias.
Mas também as ricas e bem orquestradas composições.
Fruto da pura sensibilidade e inspiração do autor, que
como uma flecha.

Acerta fatalmente o coração,
Dos leitores que o abrem para a poesia.
Sem medo e receios recorrentes.
Que possa infringir a emoção.

Resultante do contato direto com a poesia.
Sentindo-a fluir nas veias do pensamento.
E tomar forma, em tons e melodia.

A poesia é uma janela aberta, para o mundo,
O mundo interior em cada um de nós.
Cheio de medos, emoções e sentimentos.

As noites

A noite se aproxima mansamente.
A atmosfera negra domina o inóspito ambiente.
As sombras se alongam sorrateiramente.
Como um véu a cobrir a paisagem totalmente.

Noites negras dominam o pensamento.
Cessam a solidão neste ínfimo momento.
Tomando conta do sentimento.
E aflorando as emoções estampadas no firmamento.

Escuridão, fria e assustadora.
Sucedee a aflição avassaladora.
Tornando a noite mais duradoura.

O sereno da noite espesso e indesejado.
Insiste em aparecer a todo o lado.
Transformando a jornada em um caminho complicado.

Vida! Idas e Vindas

A vida é cheia de tons e cores.

É feita de receios e temores.

Tem a doce face do amor.

E sombria face do terror.

Na sua jornada fíndia.

Retratas a avidez do desejo.

Na busca da existência eterna.

Sem inquietar-se com o que a consterna.

Na esperança da felicidade incessante.

Há uma frenética busca recorrente.

Pela realização própria e intrínseca.

No mar repleto de devaneios.

Ilude-se quem assevera saber.

Dos ocultismos que a vida reserva.

Outono & Folhas

As folhas cobrindo o chão.
Secas, e completamente sem vida.
Jazem ali na sua atmosfera esquecida.
Servindo como uma sutil proteção.

Folhas flutuando suavemente ao vento.
De forma alguma prenunciavam um tormento.
São fruto do ar em constante movimento.
Modelando o panorama em cada exato momento.

O vento intenso indica que a estação fria esta por vir.
Os pássaros voando para os seus ninhos.
São reflexos das mudanças que não tardam a seguir.

A paisagem muda no outono.
Fauna e flora voltam-se para dentro de si em desalinho.
E onde havia vida, agora é completo abandono.

Pensando na Vida

Eu percebi na frivolidade da vida.
A quão vã é a ânsia da partida.
Estando esta totalmente definida.
Foge da nossa concepção sabida.

Na tentativa de entender a existência.
Agi com toda a complacência.
Na minha mente não havia ignorância.
E sim uma sede pelos mistérios da ciência.

Impossível, é delimitar nossa estrada.
Se ela será sinuosa e complicada.
Ou delinear-se-á em um mar sereno.

A cada pôr do sol temos a certeza.
Assim como em toda a natureza.
O ciclo iniciando e concluindo pleno.

Manhã no prado do Rio Grande

Amanheceu no prado do Rio Grande,
Gotículas de orvalho lá fora,
Dão o icônico ar da graça que aflora,
Num quadro íntimo que jaz no estande,

A brisa forte vare o lugar sem demora,
Seu sabor assemelha-se ao doce cande,
Trás recordações passadas, de outrora,
Que moram na campina que se expande.

Em cada novo dia a se iniciar,
Tem o sínfônico e acalorado cantar,
Da cotovia que orchestra sem parar.

Na campina orvalhada e verdejante,
Cálida, sob o sol continentino ardente,
Faz ardil e efêmero o soneto pujante.

O Rio

Forte veíio que jorra água sem parar,
No seu leito rico e portentoso,
É permeado por curvas simples e sinuosas,
Serpenteia a terra árida a irrigar.

Trás a vida que estava recôndita,
Minguada pela vil desidratação,
Surge miraculosa ante a seca maldita,
E colore de verde a cinza vegetação.

A vida triunfa sem pestanejar,
Regada à água doce que faz reavivar,
Trazendo a energia vívida a desabrochar.

O rio é um rico e saliente manancial,
Um oásis esplêndido do meio natural,
Ele alberga a vida a diversidade substancial.

Pampa na lembrança

Os campos pujantes da pampa abrem-se em cor,
O verde vívido das suas paisagens encanta,
A planície engloba a linha do horizonte multicolor,
É uma preciosidade, abaixo da linha do equador.

Admiramos com olhos ávidos o belo e faustoso ornar,
Campina límpida e vastíssima comparada ao mar,
Tem a tez suave e elegante que nos faz poetizar,
Seus aromas íntensos brotam em cada versejar.

Não se pode passar despercebida tamanha beleza,
São resquícios do paraíso recôndito perdido,
Detalhes de um passado infelizmente esquecido.

O progresso, mal melhor trouxe fartura e pujança,
A vida ficou mais senil e tranquila, houve mudança,
Mas a antiga realeza da pampa petrificou-se na pureza.

Fantasmas

E a cada ignóbil sussurro,
Reverbera no sólido muro,
Um eco de solidão e vazio,
Que torna o coração esguio.

No sombrio ar noturno,
Esvai-se o furor diurno,
Ali impera o fantástico,
A magia obscura do sarcástico.

A ânsia por chegar o dia,
Já não é uma covardia,
É o desejo de sair da melancolia.

O desvelar atíça a curiosidade,
O véu triste noturno da castidade,
Espanta a mente e a deidade.

Descobrir o saber

Sob o véu da ignorância alberga-se o ser,
Desconhecemos às entranhas do saber,
O conhecimento relegado em vias de padecer,
Esgota-se a cada instante no vale do desfalecer.

Violentar os sentidos dogmáticos da consciência,
Não é apenas uma via segura para a ciência,
Mas a única forma de emancipar a onisciência,
E libertar-se da malvada e fútil ignorância.

Instrumentalizar a curiosidade humana,
Não é deveras uma simples atitude insana,
E sim uma contribuição ultramundana.

O saber nunca será podado,
Ele segue um ritmo descompassado,
E avança independentemente do Estado.

O logicismo

Senti um nítido acréscimo no estímulo profundo,
Não era um simples fato aventureiro sem paz,
Nem seria o pensamento impuro e ímundo,
Mas sim a razão manifesta da alvorada fugaz.

A estrutura rigorosa que mora no intelecto,
Provém do nosso instrumental cognitivo pensador,
Medeia às ações humanas diárias circunspectas,
Age como elixir da candura e evita o vil furor.

A racionalidade é uma faculdade humana primaz,
O edifício sólido basilar da cultura que não fica atrás,
E em nada deve a faculdade da emoção assaz.

Reduzir à essência absoluta uma teorização,
Não é mera futilidade pífia e ignóbil ação,
É buscar o âmago da morada primária da razão.

Da Manhã

O orvalho matinal absorta a alma,
São gotículas minúsculas a macular,
A vívida paisagem da manhã calma,
No lindo, e único ato de desabrochar.

Em certas manhãs o horizonte acalma,
A linha tênue do campo de visão,
Toma por completo o globo ocular,
Feito tela artística carregada de emoção.

O ar jovial do ambiente matutino,
É o combustível puro e vital,
Para enfrentar a jornada vespertina.

Nas ondas sínfônicas dos cantos dos pássaros,
Um concerto lúdico e uno fica no ar emocional,
Passa o tempo e a relva seca, mas a arte não passará.

Tempos Sombrios

São tempos sombrios e anormais,
Direitos são tolhidos diariamente,
Medidas tomadas inconsequentes,
Pessoas portam-se como animais.

O golpe da anticonstitucionalidade,
Bate severamente na porta do cidadão,
De forma sorrateira sem solidariedade,
O brado retumbante e frio da perdição.

O que resta ao infeliz patriota,
Gritar! Se fazer ouvir aos prantos,
Ecoar sua voz a todos os recantos?

A capacidade questionadora do ser,
Não pode ser silenciada,
É uma fagulha rara e nunca abafada.

Esquece-me e some

Você me esquece e some,
Sei que ainda sou seu homem,
Na rebarba da janela te espero,
Vou te procurar é isso que quero.

E caso eu me interesse por alguém,
Mesmo que eu valha um vintém,
Ainda tenho meu valor real,
Mesmo que seja banal.

Encontro-me na fria esquina,
Encoberta pela cinzenta neblina,
A sua espera à surdina.

Desejo ver os seus olhos,
De relance entrolhos,
Num momento absoluto e feliz.

Medo da chuva

Não tenho mais medo da chuva,
Meus olhos entreabertos,
Ignoram a paisagem encoberta,
Pela dilaceradora curva.

Os medos povoam a mente,
São retalhos de passados,
Memórias pretéritas ardentes,
Vidas vívidas e semblante cansado.

As artérias do pensamento,
Jazem já ao relento,
Engessadas tornam-se um tormento.

O ar ardil que toma conta do ser,
Não é um substrato do bem querer,
É a sorrateira perdição do viver.

Vida e Alegria

A paz e a alegria contagiam,
São molduras do espírito,
Bons agouros que nos vigiam,
Nos momentos frios e fortuítos.

Na curva sinuosa do rio,
A surpresa nos aguarda enfim,
Muito embora faça tenaz frio,
A vida prossegue em um íterim.

É no curto espaço de tempo,
Sempre há sórdidos contratempos,
Enquanto a melodia flui no trastempo.

Doces sensações são como o vento,
Às vezes até prenunciam o tormento,
Mas trazem vida no ácido relento.

Verdade no seu olhar

Olhos curiosos e presença marcante,
No ar da graça que sumamente contagia,
Leva consigo no âmago o aroma penetrante,
De um momento marcado pela magia.

Sentir a verdade o no seu doce olhar,
É o meu mundo que tudo ilumina,
É a doce e suave melodia de ninar,
A flor alva e pura a desabrochar na colina.

A inspiração então toma conta do ser,
No revoar dos pássaros no céu,
Pinto um quadro abstrato com pincel.

A arte da vida resumida no frenesi do querer,
No ínfimo instante sutil da existência,
Revela-se a majestosa beleza de um rubi.

Excesso de racionalismo

O sonho da razão,
Corrompe o coração,
Isola a emoção,
É tudo vira admoestação.

O materialismo petrifica,
A alma alva e idílica,
Ser racional ao extremo,
Não é o saber supremo.

A razão é uma expressão pura,
Vital para a ciência e a tecnologia,
A tentativa de subverter a magia.

Não se deve abrir mão do racional,
Independendo de recompensa banal,
É uma faculdade seminal.

Inspiração da Noite

Nas asas da inspiração a lua vira musa,
Emoldura o quadro natural da noite soturna,
Com sua tonalidade prata de grande beleza,
Dá ares de magia e refinada sutileza.

A poesia é libertada do pensamento vago,
Que mergulha no ávido sentimento vívido,
E galopa a passos largos pelo infinito pago,
Para enfim capturar a composição e o sentido.

Palavras fortuítas que formam frases possantes,
Sensações sinestésicas afloram a todo o instante,
E retratam o lábaro conceitual beligerante.

E na solidão cativante da noite escura,
Fervilha a imaginação na expressão pura,
Rompe-se o ignóbil silêncio que a alma procura.

A janela

Havia tanta vida lá atrás da janela,
Sonhos que foram tolhidos fortuitamente,
Encerrados pela rígida e velha cancela,
Jamaís retornam a paz calma reinante.

O tempo passa, marca o compasso das eras,
A rua fria já sem nenhuma vida que pulsa,
É um ciclo a encerrar sem a mínima espera,
No passado frio e sombrio a alma reclusa.

O pensamento que vaga pelo limbo à toa,
Preso nas linhas de um vicejar que destoa,
Em ideias fulgurantes onde a forma escoá.

É a saudosa janela de frente para a rua,
Emoldura os sonhos e a bela noite de lua,
Esconde uma realidade recôndita e crua.

Crianças

As crianças são a rara esperança do mundo,
O alvorecer límpido em meio à escuridão,
O desvelamento lúcido do mistério profundo,
A clava forte que mexe célere com a emoção.

A sua tenra inocência encanta o sentimento,
Nas tardes quentes de verão a círandar,
Sob o sol amarelo imponente no firmamento,
Fazem brincadeiras e põe-se a cantarolar,

Oh! Feliz, afortunada e alegre idade,
Onde ingenuamente agem sem maldade,
Vivendo num maravilhoso estado natural.

As crianças são o futuro que bate a porta,
A geração que sucede; a que leva a chama,
O advir da civilização, a nova chance que clama.

Prenúncios do Vento

O vento norte prenuncia algo,
Um evento triste ao nobre fidalgo,
Ou luz da alegria que plena contagia,
O espírito pacato da ruidosa melodia.

Os prenúncios que a ventania traz,
São aspectos do passado que subjaz,
Na linha teimosa e tênue do tempo,
Onde o futuro remexe-se no tormento.

Venta vento raivoso e sem tom,
O seu som uníssono a invadir ou ouvidos,
São sintomas do advir na forma de zunidos.

E nos aspectos soturnos da letargia,
O horizonte frio e calmo contagia,
Acalentador, é prenúncio vivo da poesia.

O Caminho

Os olhos tristes e rasos d'água,
Na mente claros pensamentos,
Ardís e docemente sonolentos,
São emoções que deságuam.

Na poeira sorrateira da estrada,
Um caminho finito e nebuloso,
O rumo a seguir no ápice precioso,
Atrás da curva soturna aguarda.

A via que devemos seguir,
Nem sempre é doce ao partir,
Ela se revela totalmente no devir.

Os traços da personalidade insana,
São o poder que em cada um emana,
Na atmosfera da magia mundana.

A Chuva

A chuva que lava,
Leva livre a memória,
Uma página, uma clava,
Da passada história.

Água a rolar no telhado,
Da casa sem eira e beira,
Romântica, simples e altaneira,
Na fachada, o fino retrato.

Tempestade que nos ameaça,
É portadora de perigos, sensações,
Sinais perdidos na vil fumaça.

Ah! O som infalível da chuva,
Bela sinfonia e alegre canto,
Um quadro onírico de puro encanto,

Solidão do Andante

A solidão do andante,
Que vaga livremente,
Tendo pensamentos na mente,
É um olhar carente.

Olhar às campinas,
Aquele verde que combina,
Sem ruas ou vil esquina,
Somente o voo da ave de rapina.

O silêncio em tom sepulcral,
Revela a realidade sem igual,
Nos detalhes como mero sinal.

Uma página esquecida,
Daquela estrada florida,
A mais rara flor de margarida.

Afago

Em olhos já senís,
De contornos marejados,
Contempla o tracejado,
Da insinuante flor-de-lis.

A alma antiga e calejada,
É o retrato da vivência,
Já em noite enluarada,
A lutar pela sobrevivência.

A doçura desta natureza,
Encanta o pensamento,
Como dádiva e pureza.

E no afago das palavras,
Revelar a fantasía no firmamento,
Nas camadas que deslavras.

Partir...

Por que partiu?
No fatídico instante,
Que você sumiu,
Fiquei viandante.

Aquela velha árvore,
De cenário servia,
Como quadro emoldurado,
Enquanto você sumia.

A nostalgia aprisiona o ser,
É melhor puramente crer,
Neste afago, o bem querer.

Páginas rasgadas ao chão,
São pedaços de ilusão,
Daquela fabular paixão.

Mudança

A imobilidade que nos persegue,
É uma vasta noção que segue,
Dia após dia no andar do mundo,
Na realidade do panorama ímundo.

Mudar é preciso, necessário e salutar,
Contudo, gera inconveniente estar,
Ninguém quer sair do conforto,
É algo novo, desconhecido, absorto.

A mudança corrói até o pensamento,
Castiga-o sem trégua a cada momento,
É sim um infeliz e duro tormento.

O mundo muda, num efeito borboleta,
Prenunciado no falar visceral do profeta,
E cada detalhe sutil é uma pedra de roseta.

Psicodélico

A solidão noturna afaga a alma,
No mar escuro de brandura,
Vejo a face do amor e da candura,
No devaneio da poesia nobre e clara.

Sonhos e emoções que revolvem,
São como sublimes sensações em fulgor,
Armas do espírito, que clama com ardor,
No universo pleno e incerto em chamas.

A busca pelo prazer pode até cegar,
É um elixir que mata ao invés de curar,
Caleja a alma juvenil a ponto de sufocar.

São assim os mistérios da vida humana,
Uma fábula rica, imprevisível e insana,
Que finda sorrateiramente na varanda.

Arte e a Luz do Cristal

Inunda o ambiente triste com energia,
Em cada espaço de tempo pinta uma tela,
A obra finamente composta com sinergia,
Cerra-se às cortinas, e à emoção se encerra.

A luz deixa a vida mais feliz e vibrante,
Raícos portentosos decoram a paisagem,
Na negritude lúgubre ficam os amantes,
Ansiando por um pingco de luz viandante.

Consagrado na arte está à perspectiva,
São jogos de imagens que bem retratam,
A obra dinâmica, insinuante e ativa.

A luz calorosa do cristal envolve a epiderme,
Num frenesi poderoso e absoluto cativa,
Dinamiza a emoção deixando-a na derme.

Selva de Pedras

Na selva de pedra,
Tudo é solidão,
A verdade se engendra,
Nas ruas frias da perdição.

Paralelepípedos irregulares,
É o cambalear do ébrio,
Sem destino, tenciona novos ares,
Na vã ânsia de ser sóbrio.

Devaneios tolos batem à porta,
Como maçãs frescas nos pomares,
Esperam amadurecer a resposta.

Tonalidade cinza da selva feroz,
É um tom rude que absorta,
É faz do infortúnio um perigoso algoz.

Pintura interior

Quadros abstratos de cubos e flores,
Paredes decoradas em afrescos,
Aromas que exalam doces odores,
Serve de alento e saboroso refresco.

Um olhar aparentemente, perdido,
Afoito e automutilado no semblante,
Traz uma mensagem de fíto sofrido,
É um sentimento raro como diamante.

Na luz sintética da chama ardente,
Tira às sombras do semblante,
É ilumina a arte dourada interior.

Nas paredes coloridas da nostalgia,
Faz morada a alegria e o fragor,
O paradoxo da vida nos contagia!

Inutilidade que Atormenta o Homem

A paisagem moral rege a vida,
São convenções mundanas,
Regras ditas por vezes insanas,
Arte de viver sempre na berlinda.

O egocentrismo é fato notório,
Somos tomados pela imortalidade,
Um sonho e ilusão sem utilidade,
Sentimento banal e adulatorio.

A sensação premente de inutilidade
Pára de forma fatal e meramente sagaz,
Toma o espírito deixado atrás.

Engenhamos ocupações sem sentido,
Passatempos adequados a uma vida lilás,
Intuindo dissipar a tormenta com um cupido.

Cerne da Vida!

No cerne da vida,
A esperança contida,
Num lapso temporal,
Do mundo marginal.

Descer à essência,
A pura excrescência,
Do livre autoconhecer,
No pranto do amanhecer.

O resumo vil da existência,
Escrito em letras douradas,
Na esquina torta da estrada.

Velhas cartas rasuradas,
Retratam a vida como ela é,
No livro supremo da fé.

O alpendre e o natural

Caí a chuva no alpendre vazio,
O cheiro da terra molhada,
O guri que desce da úmida escada,
É o som melodioso do assovio.

Uma triste fábula narrativa,
No peito o sabor da saudade,
Maledicência e severa inverdade,
Povoa a mente assaz e esquiva.

Nos detalhes sutis há o apreço,
A vida pulsa na esfera viva,
No quadro natural espesso.

A arte imita a vida, no mar colorido,
Com aromas primaveris em excesso,
Que exalam do jardim lindo florido.

Sentimentos confusos

Em meio à confusão,
Surge longe da vista,
Um canto de ilusão,
Serenos e de conquista.

O ar melodioso melindra,
Tolhe e afaga o olhar,
E o sentimento pindra,
A pobre alma a chorar.

Sonhar, sorrir e amar,
Num ar alvo de sílindra,
Espalha odores a regalar.

Na antessala do poetizar,
Uma bebida sabor sídra,
Afoga à mágoa do pesar.

Sensação

Lembro-me do teu olhar,
É uma doce sensação,
Libertária do poetizar,
Em cada fio de razão.

Um sorriso e um apelo,
Palavras veem a mente,
Nas ondas do seu cabelo,
Com energia ardente.

As curvas da vida cadente,
É o desenrolar do novelo,
O fim é sempre evidente.

Quebra-se o frio gelo,
Na aurora quente, ardente,
O amor marca como flagelo.

Sonetos, relicário da fantasia

A arte molda o mundo! E ao moldar o mundo a arte molda o ser humano, é um processo cíclico, pode-se dizer. O ser humano que como parte do mundo, age sobre ele e dá sua feição. Ele cria a arte para seu deleite e prazer, além da necessidade de se comunicar com o cosmo e com ele mesmo, sob uma égide individualista também. A poesia é a arte suprema, a primeira arte no âmbito do fértil pensamento humano. As demais são decorrentes dela. A poesia em forma de prosa foi a fagulha genitora do desenrolar da literatura mitológica que moldou o próprio processo civilizacional da sociedade humana, e consequentemente formou o ideário da arte escultórica e da música por exemplo. Até porque a arte é a verdade que pertence ao universo da fantasia. O Soneto foi criado, pelo poeta italiano Giacomo da Lentini (1210-1260), e foi popularizado pelo poeta e humanista igualmente italiano Francesco Petrarca (1304-1374) às portas da renascença, onde ensejava torná-lo a forma perfeita de se fazer poesia. Nesta obra se apresenta um verdadeiro íterim de Sonetos que falam da vida, do amor, da solidão, de sentimentalidades, do cosmo e do existencialismo humano.

